

O *DESCAMINHO* DAS CIÊNCIAS EM CRISE E O SEU “DAR AS COSTAS” INDIFERENTE SEGUNDO HUSSERL

[THE MISDIRECTION OF THE SCIENCES IN CRISIS AND THEIR INDIFFERENT “TURNING AWAY” ACCORDING TO HUSSERL]

Carlos Diógenes C. Tourinho

cdctourinho@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0001-5963-599X>

Professor Associado IV do Departamento de Filosofia e Professor Efetivo do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense – UFF (Niterói-RJ, Brasil). Coordenador do Laboratório de Fenomenologia da UFF (LAFE: <https://laboratoriodefemenologia.uff.br/>).

DOI: [10.25244/1984-5561.2025.7898](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2025.7898)

Recebido em: 4 de agosto de 2025. Aprovado em: 4 de setembro de 2025

Caicó, ano 18, n. 2, 2025, p. 11-22
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2025.7898](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2025.7898)
Dossiê Edmund Husserl



O *descaminho* das ciências em crise e o seu “dar as costas” indiferente segundo Husserl

TOURINHO, Carlos Diógenes C.

Resumo: O presente artigo aborda o problema da crise das ciências europeias na filosofia de Edmund Husserl. O artigo encontra-se dividido em três partes: na primeira delas, aborda a crítica de Husserl à doutrina do Naturalismo (sobre a qual se apoiam as ciências da natureza), cujos contrassensos contribuem para o surgimento da crise em questão; a segunda parte mostra que tais ciências em crise sucumbiram a um desvio, perdendo de vista a ideia diretriz do seu fim autêntico (segundo Husserl, constituir-se como uma ciência “autêntica”); por fim, a terceira parte esclarece que essas mesmas ciências terminariam por se tornar, sem que notassem, insensíveis às suas motivações espirituais originárias. Em resumo, para Husserl, tais ciências em crise afastaram-se, em seu “*descaminho*”, da intenção do seu fim autêntico e do seu começo originário.

Palavras-chaves: Edmund Husserl. Crise das ciências. Naturalismo. Teleologia. Geometria. Origem.

Abstract: This paper approaches the problem of the crisis of the European sciences in Edmund Husserl's philosophy. The paper is divided into three parts: the first addresses Husserl's critique of the doctrine of Naturalism (the soil on which the natural sciences are based), whose contradictions contribute to the emergence of the crisis in question; the second part shows that these sciences in crisis succumbed to a deviation, losing sight of the guiding idea of their authentic purpose (according to Husserl, constituting themselves as an "authentic" science); finally, the third part clarifies that these same sciences would eventually become, without realizing it, insensitive to their original spiritual motivations. In short, for Husserl, these sciences in crisis distanced themselves, in their “misdirection” from the intention of their authentic purpose and their original beginning.

Keywords: Edmund Husserl. Crisis of the sciences. Naturalism. Teleology. Geometry. Origin.

1 INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que nos encontramos diante de uma dupla tarefa quando refletimos sobre o problema da crise das ciências europeias na filosofia fenomenológica de Edmund Husserl: a primeira delas consiste em promover uma investigação da etiologia da crise em questão. Afinal, o que estaria, na origem, por trás dessa crise? A segunda tarefa consiste em examinar as principais consequências do caminho traçado por tais ciências, dentre as quais destacamos: 1) a ideia de que tais ciências em crise sucumbiram, sem que se apercebessem disso, a um desvio – ou afastamento indiferente – do seu fim autêntico (a saber, constituir-se como uma ciência “autêntica”, cuja relação de adequação com o seu objeto permitiria aspirar ao alcance de verdades que pudessem “valer para todos e de uma vez por todas”, conforme assinala Husserl)¹; 2) a ideia segundo a qual essas mesmas ciências terminariam por se tornar, sem que notassem, insensíveis às suas motivações espirituais originárias, mediante as quais nasceram os seus primeiros sentidos, responsáveis por abrir um longo caminho de realizações científicas. Em resumo, para Husserl, tais ciências em crise afastaram-se, em seu “descaminho”, da intenção do seu fim autêntico e do seu começo originário.

Para que possamos, satisfatoriamente, atender às exigências impostas por essas duas tarefas, desdobraremos o tratamento do tema em questão ao longo de três momentos, nos quais abordaremos, respectivamente: 1) o sentido teórico e prático da crítica de Husserl à doutrina do Naturalismo (espécie de “solo” das ciências em crise na primeira metade do século XX); 2) a doutrina teleológica das ciências, na qual encontramos a concepção husserliana de um autêntico caminho do qual essas ciências em crise acabariam por se distanciar, deixando para trás a intenção do seu fim autêntico; 3) o problema da origem e do *como* do nascimento dessas mesmas ciências que, com a crise, se tornariam cada vez mais insensíveis ao seu começo (afinal, enquanto produções humanas, as ciências nasceram um dia, com as suas motivações espirituais originárias que marcaram, profundamente, o seu nascimento). Passemos, então, ao exame detido de cada um desses momentos.

2 SENTIDOS TEÓRICO E PRÁTICO DA CRÍTICA DE HUSSERL À DOCTRINA DO NATURALISMO

Quando examinamos o problema da etiologia da crise das ciências europeias em Husserl, quase que inevitavelmente somos conduzidos, como ponto de partida desse exame, à constatação de que tais ciências se assentam na doutrina do Naturalismo, cujo modo de pensar o mundo consiste tão somente em pensá-lo como uma só realidade de fatos naturais, incluindo o homem como um ente psicofísico em meio a outros organismos, em uma só realidade sob a ação das

¹ HUSSERL, E. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, p. 53; HUSSERL, E. “Beilage III, zu §9a”. In: *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*, p. 373. HUSSERL, E. *Erfahrung und Urteil. Untersuchungen zur Genealogie der Logik*, § 10, p. 40.

O descaminho das ciências em crise e o seu “dar as costas” indiferente segundo Husserl

TOURINHO, Carlos Diógenes C.

mesmas leis físico-químicas e evolutivas². Neste monismo naturalista, em cujo universo encontram-se tão somente fatos naturais, o pensamento estaria confinado à inferência de generalizações empíricas a partir da observação dos fatos. Tais generalizações – mesmo quando assumem um valor probabilístico – carecem, como tais, de validade necessária e universal. Tudo isso implicaria em um relativismo cético que colocaria, segundo Husserl, a própria razão em contradição consigo mesma.

Husserl nota a presença de um solo naturalista no trabalho das ciências de seu tempo, notadamente, das ciências da natureza e, em alguma medida, das chamadas ciências do espírito. No exercício de uma tarefa crítica (*kritische Aufgabe*), o autor denuncia os contrassensos teóricos nos quais os pressupostos naturalistas incorreriam, posto que os mesmos conduziriam, inevitavelmente, segundo o autor, ao relativismo mencionado. Afinal, em meio a uma realidade de fatos naturais, o pensamento não poderia inferir senão “generalizações vagas da experiência” (*vage Verallgemeinerungen der Erfahrung*)³, posto que, dos fatos, não podemos extrair necessidades e universalidades, mas apenas proposições que não perdem, inteiramente, o seu cariz contingente, conforme nos lembra Husserl em “Prolegômenos à Lógica Pura” (*Prolegomena zur reinen Logik*)⁴ e em “Teoria Geral do Conhecimento” (*Allgemeine Erkenntnistheorie – Vorlesung 1902/1903*)⁵.

Mas se tais pressupostos abrem as portas para tal relativismo, não deixam, além disso, de colocar a razão teórica em contradição consigo própria. Afinal, não posso afirmar que “todas” as inferências resultam em generalizações empíricas sem que essa tese mesma seja também incluída no universo de tais generalizações e, com isso, ela mesma careça de validade apodítica. Assentadas na doutrina naturalista, tais ciências não se aperceberiam de tais contrassensos e, com isso, incorreriam, sem que notassem, em uma espécie de “ceticismo inconsciente” (*unbewussten Skeptizismus*)⁶, responsável por contaminar o solo sobre o qual repousam as ciências da natureza. Daí Husserl usar a metáfora do “verme da dúvida ou obscuridade” (*der Wurm des Zweifels oder der Unklarheit*)⁷ que contaminaria a terra desse solo científico, conforme vemos na lição de 1906/1907, intitulada “Introdução à Lógica e Teoria do Conhecimento” (*Einleitung in die Logik und Erkenntnistheorie*). Em seu “paraíso de inocência teórico cognoscitiva” (*Paradies der erkenntnistheoretischen Unschuld*)⁸, as ciências avançariam em uma espécie de realismo ingênuo dando as costas para o problema da possibilidade do conhecimento objetivo, conforme Husserl insiste em chamar atenção nas célebres “Cinco Lições” de abril-maio de 1907, publicadas sob o título de “A Ideia da Fenomenologia” (*Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*)⁹, assim como em “Introdução à fenomenologia do conhecimento” (*Einführung in die Phänomenologie der Erkenntnis*), lição de 1909¹⁰. Tomadas por uma cegueira naturalista e por um “dar as costas” indiferente à Teoria do Conhecimento, essas mesmas ciências cresceriam como uma “árvore do conhecimento” (*Erkenntnis Baum*), cujos frutos não poderiam deixar de manifestar os mesmos problemas de

² Sobre o “monismo” adotado pelos naturalistas, recomendamos a leitura de Ernst Haeckel, intitulada O monismo como elo entre Religião e Ciência. HAECKEL, E. *Der Monismus als Band zwischen Religion und Wissenschaft*. Bonn: Verlag von Emil Strauss, 1893.

³ HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen*. Erster Band. Prolegomena zur reinen Logik, § 21, p. 61.

⁴ Idem, § 36, p. 119.

⁵ HUSSERL, E. *Allgemeine Erkenntnistheorie – Vorlesung 1902/03*, p. 84.

⁶ HUSSERL, E. “Einleitung in die Logik und Erkenntnistheorie” – Vorlesungen 1906/07, Apêndice A, VIII, § 33, p. 367. HUSSERL, E. “Allgemeine Erkenntnistheorie” – Vorlesung 1902/03, p. 87.

⁷ HUSSERL, E. “Einleitung in die Logik und Erkenntnistheorie” – Vorlesungen 1906/07, Apêndice A, VIII, § 33, p. 367.

⁸ Idem, V, § 32.

⁹ HUSSERL, E. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II).

¹⁰ HUSSERL, E. *Einführung in die Phänomenologie der Erkenntnis*. Vorlesung 1909. Materialien (BVII).

fundamentos teóricos que já se faziam notar em seu solo naturalista: trata-se, mais precisamente, do psicologismo lógico, abordado por Husserl em *Prolegômenos*¹¹.

Tomada pelo encanto naturalista e munida da convicção de finalmente poder se equiparar às ciências naturais, aliada ao método experimental das ciências da natureza, vemos surgir, no último quarto do século XIX, a Psicologia em seu projeto científico (cercado, aliás, de impasses epistêmicos), conforme podemos acompanhar na Psicologia Fisiológica de Wilhem Wundt (1832-1920)¹². Afinal, tal projeto se via, por um lado, diante da exigência de se aliar com o método das ciências da natureza, de manter, assim, o rigor do método experimental; mas, por outro, trazia ainda resquícios de uma “herança filosófica”, como o uso do método introspectivo (em que pese, nesse caso, a introspecção de laboratório ser, digamos, “controlada”). Em resumo, malgrado certo entusiasmo dessa ciência debutante entre as ciências positivas da época, havia, ao menos, num primeiro momento, um impasse epistêmico no projeto da psicologia experimental: ou a psicologia se reduzia a uma mera matemática das sensações (deixando de fora o relato introspectivo dos participantes do experimento) ou comprometeria, no experimento sobre a intensidade das sensações, o rigor do método experimental das ciências da natureza, caso mantivesse em seus domínios o uso da introspecção (procedimento metodológico que, como se sabe, inevitavelmente, colapsa o sujeito com o objeto).

Justamente por ter como tema de investigação as chamadas faculdades cognoscitivas (percepção, memória, linguagem, etc.) de um sujeito em sentido “psicológico” (posto que se trata de uma apercepção psicológica em tais experimentos), em pouco tempo, malgrado o impasse em questão, de *débutante* das ciências positivas (aspirante a um estatuto de cientificidade), a Psicologia seria alçada ao estatuto de “protótipo de ciência autêntica em geral” (*Prototyp echter Wissenschaft überhaupt*), conforme afirma Husserl em seu seminário de inverno de 1923, intitulado *Filosofia Primeira (Erste Philosophie)*¹³. E tal ascensão parece ter criado condições para que reaparecesse, no último quarto do século XIX, o que se convencionou chamar de “psicologismo”. Husserl identifica, em *Prolegômenos*, um elenco de autores adeptos do psicologismo (movidos pela inclinação de fundamentar as ciências e, notadamente, a Matemática e a Lógica, na Psicologia). Muitos nomes são mencionados por Husserl, dentre os quais encontramos: Mill, Lipps, Wundt, Sigwart, dentre outros¹⁴. Malgrado às especificidades desses atores no debate em questão, considerando ainda a distinção entre a questão da psicologia e do psicologismo, há, nitidamente, no “psicologismo”, um problema de fundamento: misturar os domínios heterogêneos do real e do ideal, da psicologia do conhecimento e da teoria do conhecimento (em suma, confunde-se o juízo como ato psicológico de pensar e o juízo como unidade ideal da lógica).

A grande preocupação de Husserl consiste em manter viva a crítica ao naturalismo com vistas a denunciar o contrassenso teórico do projeto final de “naturalização das ideias” (*Naturalisierung des Ideen*) e de “naturalização da consciência” (*Naturalisierung des Bewußtseins*), conforme nos esclarece, após as lições do período de Göttingen, em seu importante artigo de 1911, publicado no primeiro número da Revista *Logos*, intitulado “A filosofia como Ciência de Rigor” (*Philosophie als strenge Wissenschaft*)¹⁵. O avanço e a expansão deste projeto naturalista implicariam em esvaír as ciências (particularmente, as ciências formais, tais como a Lógica e a Matemática) e, notadamente, a própria Filosofia num naturalismo (que, como vimos, carregaria consigo um relativismo cético que colocaria a própria razão em contradição consigo mesma).

¹¹ HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen*. Erster Band. Prolegomena zur reinen Logik. Drittes Kapitel.

¹² DWELSHAUVERS, G. “Wilhelm Wundt et la Psychologie Expérimentale”, p. 141.

¹³ HUSSERL, E. *Erste Philosophie* (1923/1924). Erster Teil. Husserliana Band VII, p. 101.

¹⁴ HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen*. Erster Band. Prolegomena zur reinen Logik, pp. 53-58.

¹⁵ HUSSERL, E. “Philosophie als strenge Wissenschaft”. *Logos: Zeitschrift für systematische Philosophie*, n. 53, Seite (n), p. 289-341, 1910-1911.

O descaminho das ciências em crise e o seu “dar as costas” indiferente segundo Husserl

TOURINHO, Carlos Diógenes C.

Nesse mesmo artigo de 1911, Husserl menciona dois naturalistas em particular: Ernst Haeckel, para quem a consciência não seria senão uma função do sistema nervoso central, conforme afirma em sua obra de 1893, intitulada *O monismo como elo entre Religião e Ciência* (*Der Monismus als Band zwischen Religion und Wissenschaft*)¹⁶ e Oswald Spengler, para quem a civilização seria como um “grande organismo” destinado ao declínio, conforme assinala em *O declínio do Ocidente* (*Der Untergang des Abendlandes*)¹⁷. Husserl divergirá frontalmente de ambos os autores naturalistas: no caso de Ernest Haeckel, por não admitir uma naturalização da consciência; já no caso de Spengler, por não aceitar uma zoologia dos povos. O autor alerta-nos que os problemas de fundamentação teórica da doutrina naturalista teriam também repercussão no âmbito da cultura. Daí Husserl dizer, no prefácio do artigo de 1911, intitulado “A filosofia como ciência de rigor” (“Philosophie als strenge Wissenschaft”), que os contrassensos teóricos da doutrina naturalista seriam seguidos por contrassensos éticos, axiológicos e, portanto, valorativos¹⁸. Neste sentido, o naturalismo representaria um perigo crescente para a cultura¹⁹.

As primeiras reflexões sobre a crise ocorrem nas célebres *Lições sobre Fichte* (1917, 1918)²⁰. Husserl vê em Fichte uma espécie de porta voz do idealismo alemão e uma inspiração para o momento vivido. Fichte falou para o povo alemão quando da invasão da Prússia por Napoleão, falando, na ocasião, sobre a necessidade do povo alemão retomar valores pautados em elevados ideais éticos. Husserl vê nesta conclamação uma inspiração para o homem alemão naquele momento pós Primeira Guerra. Destaca-se, nessas preleções, a ideia de que, tomada pela cultura da técnica e das ciências exatas, a juventude alemã sucumbiu a um *desvio*, fazendo-a dar as costas para todo um legado cultural (científico, filosófico, artístico, etc.)²¹. Tal mudança de direção já se faria notar como um efeito da crise vivida por essa sociedade.

O início dos anos 20 mostra-nos, na crítica de Husserl ao naturalismo, os primeiros sinais do entrecruzamento da esfera teórica com a prática. Na esfera teórica, em *Filosofia Primeira* (seminário de inverno de 1923, Volume I), Husserl retoma essa crítica com a afirmação de que enquanto o objetivismo naturalista e, notadamente, o psicologismo, não fosse superado nenhuma filosofia da razão seria possível²². Ao mesmo tempo, no mesmo ano, em uma série de artigos publicados na Revista Japonesa *Kaijō* (1923), notadamente, no primeiro deles, intitulado “Renovação. Seu problema e método” (“Erneuerung. Ihr Problem und ihre Methode”), de 1923²³, Husserl afirma que a Europa está em crise e que algo novo deveria suceder. O autor constata que, ao assumir pressupostos naturalistas, o homem europeu afastou-se do caminho de uma “*humanitas* autêntica”, no qual a humanidade se pautaria numa racionalidade efetiva, aspirando alcançar ideias e ideais absolutos, válidos incondicionalmente, de modo que os homens pudessem almejar a excelência para além de suas preocupações e infortúnios individuais (*individuellen Sorgen und Mißgeschicke*)²⁴.

A década de 30 viria consolidar, definitivamente, como sabemos, as reflexões de Husserl sobre a crise da cultura nas famosas conferências de Viena e de Praga, proferidas, respectivamente, em maio e novembro de 1935. Novamente, o autor reitera, já na primeira dessas

¹⁶ HAECKEL, E. *Der Monismus als Band zwischen Religion und Wissenschaft*, p. 23.

¹⁷ SPENGLER, O. “Introduction”. In: *The decline of the West*, p. 22.

¹⁸ HUSSERL, E. “Philosophie als strenge Wissenschaft”, p. 295.

¹⁹ Idem, p. 293.

²⁰ HUSSERL, E. “Fichtes Menschheitsideal (Drei Vorlesungen 1917)”. In: *Aufsätze und Vorträge* (1911-1921). Husserliana. Band XXV. Dordrecht / Boston / Lancaster: Martinus Nijhoff Publishers, [1917/1918] 1987.

²¹ HUSSERL, E. “Fichtes Menschheitsideal (Drei Vorlesungen 1917)”, p. 268.

²² HUSSERL, E. *Erste Philosophie*, I, Cap. 2, Lição 17, p. 125.

²³ HUSSERL, E. “Erneuerung. Ihr Problem und ihre Methode (1923)”. In: *Aufsätze und Vorträge* (1922-1937). Husserliana. Band XXVII. Dordrecht / Boston / London: Kluwer Academic Publishers, [1923] 1989.

²⁴ Idem, p. 3.

conferências, o que havia sido a tônica do seu discurso cerca de dez anos antes: a crítica ao naturalismo e a tese segundo a qual a humanidade europeia encontra-se enferma espiritualmente (portanto, trata-se de uma enfermidade que não poderia ser remediada por uma medicina natural). Isso muito em função da aceitação dos pressupostos naturalistas e de uma expansão de tais pressupostos para se pensar uma naturalização da consciência e das ideias. Nesse momento, Husserl fala de uma unilateralidade ingênua e do absurdo de se reduzir a consciência a uma mera corporalidade (ou espacialidade)²⁵, notadamente, a uma mera função do sistema nervoso central (como propunha, aliás, Ernst Heckel desde o final do século XIX). Novamente, veremos a ideia de um desvio dessa humanidade daquilo que Husserl identifica como sendo sua autêntica evolução espiritual na qual a filosofia exerceria, segundo o autor, uma função “arcôntica” junto à humanidade europeia, respondendo pela estrutura (ou forma) espiritual na evolução do homem europeu²⁶.

Como resultado das conferências de Viena e de Praga em 1935, Husserl publica, em 1936, as duas primeiras partes de *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*, último grande testemunho em vida do autor contra o naturalismo. Voltando a chamar atenção para os perigos dos pressupostos naturalistas (e do relativismo cético no qual tais pressupostos incorrem, preocupação que podemos notar desde as origens da fenomenologia), Husserl afirma, no § 5 de *Krisis*: “Nós, homens do presente, que surgimos neste desenvolvimento, encontramos-nos no grande perigo de nos afundarmos no dilúvio cético e, assim, de deixar escapar a nossa verdade própria”²⁷. Tal obra reafirma também a necessidade de restabelecer um caminho do qual a humanidade e as ciências responsáveis pela sua formação haviam se afastado. Afinal, “Meras ciências de fatos fazem meros homens de fatos” (*Bloße Tatsachenwissenschaften machen bloße Tatsachenmenschen*)²⁸ e tudo o que isso implica no âmbito de uma fundamentação teórica, assim como na esfera da vida prática e, portanto, dos seus impactos no campo da cultura.

3 O DESVIO DAS CIÊNCIAS E A PERDA DA INTENÇÃO DO SEU FIM AUTÊNTICO

Se as ciências em crise desconhecem os contrassensos nos quais incorrem os pressupostos naturalistas, não deixam também de sucumbir a um “desvio” daquilo que Husserl considera a intenção do seu fim autêntico, afastando-se de um caminho determinado teleologicamente por um ideal: o de enunciar cientificamente verdades que pudessem ser “válidas de uma vez por todas e para todos” (*ein für allemal und für jedermann gültig*)²⁹. Malgrado a parcialidade e as especializações das realizações científicas, as ciências não deixam, de hipótese em hipótese, de trazer consigo ao menos a pretensão de enunciar cientificamente tais verdades. Por outro lado, em crise, as ciências perdem de vista tal pretensão.

²⁵ HUSSERL, E. “Die Krisis des europäischen Menschentums und die Philosophie”, II, p. 342.

²⁶ HUSSERL, E. “Die Krisis des europäischen Menschentums und die Philosophie”, I, p. 336.

²⁷ HUSSERL, E. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*, § 5, p. 12.

²⁸ *Idem*, § 2, p. 4.

²⁹ HUSSERL, E. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, p. 53.

Tanto na Conferência de Viena (1935), quanto na *Crise das Ciências Europeias* (1936) (Anexo II da letra “a” do § 9), Husserl nos diz que as ciências particulares são derivações sistemáticas (ou ramificações) da própria filosofia. Ou seja, se a filosofia atua, propriamente, como uma espécie de “telos espiritual” da humanidade europeia, as ciências – enquanto ramificações da filosofia – seriam guiadas teleologicamente por uma *mesma* “Ideia fim” (“*Zweckidee*”) que, por sua vez, determinaria não apenas o sentido autêntico da ideia de ciência em geral, mas também a própria dinâmica das realizações científicas. A despeito da parcialidade dessas realizações, as ciências não deixam de vivenciar a *pretensão* de se constituir como ciência autêntica. Trata-se, portanto, de um preenchimento parcial dessa ideia fim. Neste sentido, pode-se dizer que o perigo não é a não realização plena dessa ideia, mas sim, perdê-la de vista. Ao final de cada nova realização alcançada, as ciências movem-se, uma vez mais, em direção à ideia fim última que as guia; de hipótese em hipótese, de demonstração em demonstração, dirigem-se ao infinito, como assinala Husserl na letra “e” do § 9 de *Krisis*³⁰.

Porém, tal avanço teleológico não seria possível sem que os juízos científicos estivessem fundados na evidência de um estado de coisas. O modo de pensar das ciências consiste, como nos diz Husserl, em *Logica Formal e Lógica Transcendental* (*Formale und transzendente Logik*), no modo do pensar judicativo (*urteilendes Denken*)³¹. Porém, as ciências não querem apenas formular juízos sobre os seus objetos fortuitamente, mas, antes sim, como esclarece Husserl em *Filosofia Primeira*, querem fundar tais juízos na evidência de um estado de coisas do fenômeno investigado. Trata-se do princípio de “somente julgar na evidência” (*nur in Evidenz zu urteilen*)³². A evidência predicativa de um estado de coisas implica na evidência da presença das próprias coisas na esfera pré-predicativa. Afinal, numa teoria da gênese dos juízos, se fizermos um movimento de retorno em direção aos juízos mais elementares, nos depararemos com os juízos de experiência, cujos termos da relação judicativa supõem uma intuição sensível que lhes é correspondente, fazendo, portanto, com que tais juízos estejam fundados na experiência pré-predicativa, notadamente, na vivência de percepção. Já podemos notar aí algo como um *avançar* das ciências apoiado na exigência de que tal avanço implique em um *retorno* à evidência das coisas no âmbito das intuições sensíveis, posto que toda evidência predicativa implica, como insiste Husserl, em uma evidência pré-predicativa (*Prädikative Evidenz schließt vorprädikative ein*)³³. Como esclarece o autor, no § 10 de *Experiência e Juízo* (manuscrito publicado postumamente, em 1939), o retorno à evidência das coisas na experiência pré-predicativa implica em um retorno ao mundo da vida³⁴. A suposição do mundo – como solo originário das idealizações científicas – assumirá, então, um papel decisivo na doutrina teleológica das ciências.

Afinal, esse avanço teleológico não aconteceria, nenhuma realização científica seria possível, sem que os próprios juízos científicos estivessem fundados na evidência de um estado de coisas do fenômeno investigado. Tal evidência implicaria, por sua vez, na evidência das próprias coisas na esfera da experiência pré-predicativa, bem como no *pertencimento* das mesmas ao mundo (entendido como uma espécie de “solo originário”, “horizonte de todos os horizontes”, sem o qual nenhuma idealização, em última instância, seria possível). Destacamos aqui os textos tardios de Husserl, tais como: o opúsculo “A Terra não se Move” (1934)³⁵, o famoso § 9 da *Crise*

³⁰ HUSSERL, E. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*, § 9 (letra “e”), p. 41.

³¹ HUSSERL, E. *Formale und transzendente Logik*, § 5, p. 23.

³² HUSSERL, E. *Erste Philosophie*. Erster Teil, p. 18.

³³ HUSSERL, E. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, § 4, p. 52.

³⁴ HUSSERL, E. *Erfahrung und Urteil. Untersuchungen zur Genealogie der Logik*, § 10, p. 38.

³⁵ HUSSERL, E. “Grundlegenden Untersuchungen zum phänomenologischen Ursprung der Räumlichkeit der Natur”. In: Farber, M. (ed.) *Philosophical Essays in memory of Edmund Husserl*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, ([1934] 1940).

das *Ciências Europeias* (1936)³⁶, o manuscrito “A origem da Geometria” (terceiro anexo da letra “a” do referido parágrafo)³⁷ e *Experiência e Juízo* (publicado postumamente, em 1939)³⁸.

Seja como for, assentadas sobre um solo naturalista, aspirando aumentar, exponencialmente, a capacidade de previsão, além de aprimorar técnicas de medição para servir, mais eficazmente, aos interesses da vida prática, as ciências à época de Husserl incorrem, sem que se apercebam, num desvio perigoso, pois se afastam de sua autêntica marcha teleológica, perdendo de vista a intenção do que Husserl considera o seu fim autêntico e a conexão com o solo de suas idealizações.

4 A INSENSIBILIDADE DAS CIÊNCIAS ÀS SUAS MOTIVAÇÕES ESPIRITUAIS ORIGINÁRIAS

Mas se a crise das ciências é acompanhada por esse *detour*, é preciso dizer que, na medida em que se afastam de sua marcha teleológica, as ciências não apenas perdem de vista a intenção do seu fim autêntico, mas também do seu “começo” originário, tornando-se insensíveis às suas motivações originárias. Eis um terceiro ponto decisivo para a compreensão da crise das ciências: a implicação mútua entre o avanço teleológico e o retorno às suas origens.

Há, poder-se-ia dizer, uma constatação incontornável: as ciências são produções humanas que tiveram um momento de nascimento, sucedendo, com isso, um estágio pré-científico no qual a relação dos homens com o mundo era da ordem da inexatidão e da falta de univocidade. Um dia, no presente de uma “primeira vez” (*erstmalig*), como nos mostra Husserl a propósito do caso da Geometria³⁹, nascia, entre os homens, um novo modo de se pensar o espaço (uma “*Geometria*”), através do uso de um método sistemático de extração de novas figuras imagináveis a partir de um plano com infinitos pontos, no qual se entrecruzariam infinitos segmentos de retas, formando novas figuras, tais como triângulos, quadrados, retângulos, etc. Esse novo modo de pensar o espaço *sucedeu* um estágio pré-científico no qual a relação dos homens com o mundo era da ordem do “mais ou menos”, da inexatidão e de aproximações sucessivas, como esclarece Husserl na letra “a” do referido § 9 de *Krisis*⁴⁰. Tínhamos, já aí nessa transição, um horizonte de humanidade conectado ao horizonte do mundo.

Husserl procura descrever a presença necessária de faculdades sem as quais as ciências – e, notadamente, a Geometria – não poderiam ser instituídas e transmitidas pelos homens entre culturas. Foi necessário que a Geometria pudesse ter sido intuída por alguém, que o que foi intuído pudesse ter sido reproduzido e expresso linguisticamente junto a uma comunidade de

³⁶ HUSSERL, E. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Husserliana. Band VI. Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1936] 1976).

³⁷ HUSSERL, E. “Beilage III, zu §9a”. In: *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Husserliana. Band VI. Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1936] 1976).

³⁸ HUSSERL, E. *Erfahrung und Urteil. Untersuchungen zur Genealogie der Logik*. Prag: Copyright by Academia Verlagsbuchhandlung, 1939.

³⁹ HUSSERL, E. “Beilage III, zu §9a”. In: *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Band VI, p. 366.

⁴⁰ HUSSERL, E. “Beilage II, zu § 9a”. In: *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Band VI p. 357.

homens capaz de compreensão recíproca quanto ao que está sendo transmitido linguisticamente⁴¹.

A tese de Husserl consiste em mostrar que, no nascimento da Geometria, forma-se um sentido originário da mesma, conservado na incorporação de suas novas realizações no edifício geométrico, formando, nos termos de Derrida, uma “dialética da proteção e da retenção”⁴².

Husserl defende, na letra “I” do § 9 da *Krisis*, um procedimento de avançar e retroceder em “zigue e zague” (*Zickzack*), de um ir para frente e para trás na marcha das ciências⁴³. A chamada *Rückfrage* (que poderíamos traduzir por “questão em retorno”) nos leva a um procedimento genealógico (algo como uma arqueologia das motivações espirituais originárias que consignam a possibilidade das ciências, com vistas a aclarar o “como” do seu nascimento e da sua propagação transcultural).

No anexo 3 da letra “a” do § 9 da *Crise*, Husserl quer, então, pensar o seguinte: considerando que a Geometria nasceu um dia, isto é, que a partir de uma “primeira vez”, os homens passaram a pensar, de uma maneira sistemática e unívoca, o espaço em termos geométricos, houve, entre esses homens, um “protofundador” (*ursiftende*) que teria intuído o projeto de uma ciência de “medição da Terra”. Portanto, deu-se uma ação inventiva a partir da qual foi instituída uma nova forma de pensar o espaço, na qual o que era mais ou menos redondo, linear, etc., verteu-se na exatidão do círculo, da linha reta, etc. Deu-se, então, na origem da Geometria, uma conversão.

Recorrendo à história do pensamento científico na modernidade, Husserl mostra, no § 9 de *Krisis*, como as ciências naturais desse período incorreram, ao abraçarem um projeto maior de matematização da natureza, em uma espécie de “substrução” (*substruierende*) do próprio mundo da vida⁴⁴. Se em sua origem a Geometria nasce de uma conversão da inexatidão na exatidão, da multivocidade na univocidade do método geométrico, nas origens do Mundo Moderno seria ela própria – a Geometria – que passaria por um processo de conversão. Ao adotarem a aplicação da Geometria como procedimento metodológico para o aprimoramento técnico da previsão dos fenômenos naturais em um sistema de conexões causais, transformando, sem que se apercebessem, tal procedimento em uma espécie de “roupagem de ideias” (*Ideenkleid*) da própria natureza (como se ela mesma fosse, originariamente, matemática), tais ciências naturais perderam de vista o mundo sensível pré-geométrico, como espécie de “subsolo” (*Untergrund*) da própria Geometria, conforme denuncia Husserl na letra “b” do parágrafo § 9 de *Krisis*⁴⁵.

Tal substrução resultante de uma aritmetização algébrica da Geometria esconderia, assim, a *verdadeira* natureza, impedindo Galileu de compreender verdadeiramente o seu método, tornando-se, com isso, um gênio que, a um só tempo, “descobre” e “dissimula”⁴⁶. O fundador da física matemática consistiria, aos olhos de Husserl, em um “gênio ambíguo” (para usar uma terminologia de Paul Ricoeur)⁴⁷, pois “ao descobrir o mundo como matemática aplicada, o *ocultou*

⁴¹ HUSSERL, E. “Beilage III, zu §9a”. In: *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Band VI, p. 369.

⁴² DERRIDA, J. “Introduction”. In: Husserl, E. *L’origine de la géométrie*, p. 46.

⁴³ HUSSERL, E. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*, § 9, “I”, p. 59.

⁴⁴ HUSSERL, E. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*, § 9 (letra “h”), p. 49.

⁴⁵ HUSSERL, E. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*, § 9 (letra “b”), p. 26.

⁴⁶ RICOEUR, P. “l’originare et la question-en-retour dans la Krisis de Husserl”. In: *A l’école de la phénoménologie*, p. 367.

⁴⁷ RICOEUR, P. “Husserl et le sens de l’Histoire”. In: *A l’école de la phénoménologie*, p. 48.

como obra da consciência”⁴⁸. Tratar-se-ia, portanto, nos termos da letra “h” do § 9, de uma “negligência fatal”⁴⁹.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer, então, a título de conclusão, que o tema da crise das ciências europeias em Husserl nos coloca diante da tarefa de investigar a etiologia e os efeitos dessa crise no caminho percorrido por tais ciências. Nessa investigação, encontraremos, por parte das ciências em crise, uma espécie de “cegueira inconsciente” que persiste em relação aos contrassensos teóricos e práticos do naturalismo (ponto central na etiologia da crise), bem como em relação à perda da intenção do seu fim autêntico e do seu começo originário (é o preço que as ciências em crise irão pagar pelo *desvio* daquilo que Husserl considera ser o seu caminho autêntico). O assentamento das ciências da natureza no naturalismo e, sem que se apercebessem, nos contrassensos teóricos inerentes aos pressupostos naturalistas, logo revelaria o seu perigo para a cultura, assumindo assim um papel decisivo na etiologia da crise. Além de não notarem esse perigo, as ciências em crise colocam, em primeiro plano, o propósito de servir mais eficazmente aos interesses da vida prática, daquilo que poderia ser útil aos homens. Tal escolha não deixaria de ter o seu preço como um efeito devastador: sucumbir, sem que notassem, a um *desvio* em relação à ideia fim de se constituir como ciência autêntica, perdendo de vista o sentido da ideia de ciência em geral. Por fim, considerando ainda a mútua implicação entre o avanço teleológico das ciências e suas motivações originárias, a perda dessa ideia diretriz implicaria também na perda da intenção do seu começo, deixando para trás a instauração fundamental do seu sentido originário, perdendo, pelo processo de substrução da Natureza, a sua conexão com o mundo, entendido como um solo originário das idealizações científicas.

REFERÊNCIAS

- DERRIDA, J. “Introduction”. In: Husserl, E. **L’origine de la géometrie**. Paris: PUF. Epiméthée, ([1962] 2010), pp. 3-171.
- DWELSHAUVERS, G. “Wilhelm Wundt et la Psychologie Expérimentale”. In: Andler, C. H. **La philosophie allemande au XIX siècle**. Paris: Felix Alcan, 1912.
- HAECKEL, E. **Der Monismus als Band zwischen Religion und Wissenschaft**. Bonn: Verlag von Emil Strauss, 1893.

⁴⁸ RICOEUR, P. “Husserl et le sens de l’Histoire”. In: *A l’école de la phénoménologie*, p. 48.

⁴⁹ DERRIDA, J. “Introduction”. In: Husserl, E. *L’origine de la géometrie*, p. 17.

- HUSSERL, E. **Logische Untersuchungen**. Erster Band. Prolegomena zur reinen Logik. Halle a. d. S.: Max Niemeyer, [1900] 1913.
- HUSSERL, E. “Allgemeine Erkenntnistheorie – Vorlesung 1902/03”. In: **Husserliana: Materialien (Band III)**. Dordrecht, Netherlands: Springer-Science + Business Media, BV ([1902/1903] 2001).
- HUSSERL, E. “*Einleitung in die Logik und Erkenntnistheorie* – Vorlesungen 1906/07”. In: **Husserliana (Band XXIV)**. Dordrecht, The Netherlands: Martinus Nijhoff, [1906/1907] 1984.
- HUSSERL, E. “Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen”. In: **Husserliana (Band II)**. Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950).
- HUSSERL, E. “Einführung in die Phänomenologie der Erkenntnis. Vorlesung 1909”. In: **Husserliana: Materialien (Band VII)**. Dordrecht, Netherlands: Kluwer Academic Publishers, ([1909] 2005).
- HUSSERL, E. “Philosophie als strenge Wissenschaft”. In: **Logos: Zeitschrift für systematische Philosophie**, n. 53, Seite (n), p. 289-341, 1910-1911.
- HUSSERL, E. “Fichtes Menschheitsideal (Drei Vorlesungen 1917)”. In: “Aufsätze und Vorträge (1911-1921)”. **Husserliana. Band XXV**. Dordrecht / Boston / Lancaster: Martinus Nijhoff Publishers, [1917/1918] 1987.
- HUSSERL, E. “Erneuerung. Ihr Problem und ihre Methode (1923)”. In: “Aufsätze und Vorträge (1922-1937)”. **Husserliana. Band XXVII**. Dordrecht / Boston / London: Kluwer Academic Publishers, [1923] 1989.
- HUSSERL, E. **Erste Philosophie (1923/1924)**. Erster Teil. The Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1923/1924] 1959 a).
- HUSSERL, E. **Formale und transzendente Logik**. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, ([1929] 1981).
- HUSSERL, E. “Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge”. In: **Husserliana (Band I)**. Den Haag, Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1931/ 1929] 1973).
- HUSSERL, E. “Grundlegenden Untersuchungen zum phänomenologischen Ursprung der Räumlichkeit der Natur”. In: Farber, M. (ed.) **Philosophical Essays in memory of Edmund Husserl**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, ([1934] 1940).
- HUSSERL, E. “Die Krisis des europäischen Menschentums und die Philosophie”. In: Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. **Husserliana. Band VI**. Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1935] 1976).
- HUSSERL, E. “Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie”. In: **Husserliana. Band VI**. Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1936] 1976).
- HUSSERL, E. **Erfahrung und Urteil. Untersuchungen zur Genealogie der Logik**. Prag: Copyright by Academia Verlagsbuchhandlung, 1939.
- RICOEUR, P. “Husserl et le sens de l’Histoire”. In: **A l’école de la phénoménologie**. Paris: J. VRIN, ([1949] 2004), pp. 19-64.
- RICOEUR, P. “L’originale et la question-en-retour dans la *Krisis* de Husserl”. In: **A l’école de la phénoménologie**. Paris: J. VRIN, ([1949] 2004), pp. 361-378.
- SPENGLER, O. **The decline of the West**. New York: The Modern Library, 1962.